

Peito de fora, pelos e ódio aos homens: analisamos 6 clichês do feminismo

Aqui em Universa, é comum ver comentários de leitores (sim, estamos lendo o que vocês escrevem) falando que “feministas odeiam homens”, que “ficam com os peitos para fora” e que feminismo é um machismo ao contrário, entre outras ideias que envolvem o movimento.

[\(Universa, 16/03/2019 - acesse no site de origem\)](#)

Mas o que é verdade e o que é mentira nessas afirmações? Conversamos com três especialistas em teoria feminista para analisá-las. Vamos lá:

“Feminismo é um machismo ao contrário”

Essa dá para explicar usando o dicionário. Segundo o Houaiss, feminismo é a “teoria que sustenta igualdade política, social e econômica de ambos os sexos”, enquanto machismo é o “comportamento que tende a negar às mulheres a extensão de prerrogativas ou direitos do homem”.

Portanto, conceitualmente, não dá para dizer que um movimento funciona do mesmo jeito que outro mas de lado oposto. O machismo nega direitos às mulheres, e o feminismo quer retomar a igualdade entre os gêneros, e não negar direitos aos homens.

“Feministas só sabem por os peitos para fora”

Primeiro, uma pergunta: por que é permitido um homem andar sem camisa na rua e proibido mulher fazer o mesmo?

Pensou? Ok, agora sigamos.

Doutora em estudos de representatividade de gênero pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Fernanda Friedrich explica que há várias linhas de manifestação dentro do movimento e que, em algumas, são

feitos protestos nas ruas em que partes do corpo ficam à mostra. Mas não é isso que faz de uma mulher feminista. Essa é apenas a maneira como ela expressa seu feminismo.

“Elas levam para o lado mais extremo, o de mostrar o peito, para chocar e simbolizar a sexualidade imposta sobre nosso corpo, que não é aplicada da mesma forma para os homens”, diz. Lembra da pergunta ali no começo? Não é “só” mostrar os seios, mas questionar a impossibilidade de mostrá-los, sem que o ato cause estranhamento ou seja considerado crime, como acontece no Brasil,

“Feminista não gosta de se depilar”

O feminismo tem como base a garantia da autonomia da mulher. Nada impede que ela se depile ou queira seguir práticas relacionadas à feminilidade. O problema é a imposição. “O movimento quer garantir a liberdade de qualquer um poder fazer com o corpo o que quiser, sem se prender a um estereótipo de gênero”, explica Hannah Maruci Aflalo, doutoranda em teoria feminista e representação política feminina pela USP (Universidade de São Paulo).

Resumindo: quer tirar os pelos? Tire. Não quer? Não tire. Dá para ser feminista dos dois jeitos.

“Feminista odeia homem”

Feminismo não é um ataque aos homens, mas ao machismo. Não é pessoal, não é uma guerra. É, de novo, a busca por direitos iguais. Mesmo assim, sem negar as diferenças entre homens e mulheres. “Que são físicas, e não intelectuais, como o machismo quer fazer crer”, afirma a especialista em estudos de gênero Fernanda Friedrich.

Ela mesma diz que já ouviu várias vezes a pergunta: “Mas como pode você ser feminista e casada com um homem?”. “Como se isso fosse afetar a rotina dentro casa”, diz. E ela odeia o marido? “Não”, responde, entre risos. “Eu o amo muito, ele é meu companheiro, e eu, inclusive, estou grávida de um menino, que também amo.”

“Feministas são todas lésbicas”

Seguindo a ideia de que feministas odeiam homens, o mais lógico é dizer que, por isso, elas só se relacionam com outras mulheres. Mas o feminismo não tem qualquer relação com orientação sexual.

Professora de História da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), a teórica feminista Margareth Rago acredita que o comentário tem a ver com uma intenção de xingar as feministas. Para muitas pessoas que atacam o movimento, ser lésbica é algo errado, logo, dizer que alguém o é, torna-se uma ofensa.

“Dizer isso é mostrar um um horror às lésbicas, como se só fosse normal ser heterossexual.”

“Feminismo prega o aborto e quer acabar com a família”

Primeiro, sobre o aborto: seguindo a teoria feminista da liberdade individual feminina, a ideia não é que se “pregue” o aborto, mas que a mulher possa escolher se vai ter um filho, que será gerado em seu corpo e pelo qual será responsável.

Segundo, sobre a família. “O feminismo quer acabar, na verdade, com a ideia do homem provedor e da mulher que tem que ficar em casa cuidando dos filhos sem ter opção de seguir outros caminhos na vida, como trabalhar ou estudar”, explica Margareth Rago.

Camila Brandalise

descriminalização do aborto para reflexão

Quando se trata de discutir a descriminalização do aborto, muitas das opiniões são dadas a partir de informações equivocadas. A seguir, especialistas -ouvidos durante debate promovido pela [revista "AzMina"](#) pelo dia 28 de setembro, o Dia Mundial pela Descriminalização do Aborto- desconstruem cinco mitos sobre o tema.

[\(UOL, 05/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)

1 - A mulher que aborta é uma jovem inconsequente

De acordo com dados da Pesquisa Nacional do Aborto -realizada pelo Anis - Instituto de Bioética (organização não governamental que defende, entre outros temas, direitos reprodutivos) em parceria com a Universidade de Brasília-, aos 40 anos, uma em cada cinco mulheres já abortou, e o perfil dessa mulher é bem diferente do imaginário coletivo. "Ela não é leviana, adolescente ou qualquer outra fantasia moral que as pessoas tenham. É uma mulher comum, que geralmente tem filhos e a grande maioria é católica", fala a antropóloga Débora Diniz, pesquisadora do instituto.

Segundo Débora, mulheres de todas as classes sociais fazem aborto, mas o procedimento põe em risco a saúde das mais pobres, negras, nordestinas e as mais distantes das capitais e elites urbanas. "Enquanto as mais ricas compram um remédio seguro ou pegam um avião para abortar em Miami, as mais pobres não sabem se estão colocando um remédio verdadeiro na vagina", afirma a antropóloga.

2 - Abortar é perigoso

Toda vez que uma mulher morre em decorrência de um aborto, a imprensa relata os perigos do procedimento. "O aborto não é perigoso se for feito com instrumental esterilizado. Hoje, a cada dia dois dias, uma mulher morre por abortamento mal feito. Como médico, não sou a favor do aborto, mas sou contra a penalização das mulheres. A questão do aborto é de foro individual e

só cabe à mulher decidir o que fará, independente do que pensa seu vizinho a respeito”, afirma Thomaz Gollop, livre-docente em genética pela USP (Universidade de São Paulo), professor associado de ginecologia da Faculdade de Medicina de Jundiaí, no interior do Estado, e coordenador do GEA (Grupo de Estudos Sobre o Aborto).

3 - Se o aborto for permitido, o SUS irá falir

Segundo Gollop, existe um mito de que se o aborto for legalizado no Brasil, o SUS (Sistema Único de Saúde) iria à falência –já que o governo teria de arcar com esse procedimento para todas as mulheres que assim o quisessem.

No entanto, o próprio coordenador do GEA diz que o governo já tem um gasto significativo com a quantidade de abortamentos mal feitos. “O SUS tem cerca de 200 mil internações por curetagem anualmente. Nem toda curetagem é consequência de sangramento intenso por aborto mal feito, mas a grande maioria dos casos é, sim, por essa razão. Quando a mulher aborta em clínicas com péssimas condições, com material não esterilizado, o risco de infecção e de perfuração do útero e de outros órgãos, como o intestino, é muito pior, o que causa um dano/custo ainda maior”, declara.

4 - Se for descriminalizado, o aborto vai virar contracepção

Segundo a antropóloga Débora, os países em que o aborto foi legalizado viram o número de procedimentos diminuir a cada ano. “O momento em que a mulher chega em uma situação de aborto é estratégico para perguntar o que houve: como está usando o método contraceptivo, o que está acontecendo na sua vida, se sofre violência e se não consegue negociar com o companheiro o uso do preservativo”, afirma.

Débora diz que, quando há ilegalidade, os profissionais de saúde perdem o momento de se aproximar e ajudar na prevenção, informação e no planejamento familiar.

De acordo com José Henrique Torres, juiz, professor de direito penal da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Campinas (SP) e membro da Associação Juízes para a Democracia, se o aborto for descriminalizado, ele passará a ser um ato médico, e a mulher terá o direito de fazer o procedimento, tornando-o

um dever do Estado.

“O Estado terá de assumir essa obrigação e fornecer toda assistência para praticar o abortamento de forma segura. Mesmo nos casos em que a mulher possa fazer sozinha [tomando um remédio], ela terá respaldo para qualquer necessidade, assistência, acolhimento e orientação. Ela não precisará aprender como se faz vendo um canal no Youtube”, fala Torres.

5 - Se a mulher não quer criar o filho, por que não o ter e dá-lo para adoção?

Para Débora, obrigar a mulher a manter a gestação e dar à luz uma criança para posteriormente doá-la é uma agressão muito grande. “É ignorar o contexto social [situação econômica e apoio familiar] onde ela vive. Por isso que o aborto é uma decisão íntima e privada”, fala a antropóloga.

“A possibilidade de entregar a criança para adoção não pode vir antes do direito de a mulher decidir pelo aborto. Não pode ser um instrumento de tortura para ela. Por que é tão difícil aceitar a liberdade das pessoas?”, afirma Torres.

Thamires Andrade